

Saga Beradera: teatro e memória ribeirinha

Rodrigo Vrech

Rodrigo Cardoso
Pereira Vrech
Graduado em Gestão
Pública – UNOPAR
Diretor e dramaturgo
– Beradera
Companhia de Teatro

Resumo: Em 2014, Porto Velho/RO e diversas de suas comunidades ribeirinhas foram atingidas por uma enchente histórica. Nazaré foi uma destas comunidades. Porém, através de um consolidado trabalho de identidade e valorização cultural, conseguiu manter-se unida diante da catástrofe. Este processo de nascimento e renascimento de Nazaré é o tema da peça “Saga Beradera”. O processo de criação da peça, desempenhada pela Beradera Companhia de Teatro, e o envolvimento da comunidade são o fio condutor deste artigo, comparando a pesquisa de campo e referências trabalhadas neste espetáculo com “Lete”, o primeiro trabalho do grupo.

A peça “Saga Beradera” propõe-se a expor, através de uma trama ficcional, os processos antagônicos de marginalização e resistência que permeiam as comunidades tradicionais de beira de rio, destacando a história real de Nazaré e seus personagens mais relevantes, como os professores Manoel Maciel Nunes e Artêmis Águila Ribeiro.

Palavras-chave: Saga Beradera. Teatro. Comunidade.

ABSTRACT: In 2014, Porto Velho/RO and several of its riverside communities were hit by a historic flood. Nazareth was one of these communities. However, through a consolidated work identity and cultural appreciation, managed to remain united in the face of catastrophe. This process of birth and rebirth of Nazareth is the theme of the play “Saga Beradera”. The creation process of the play performed by Beradera Theater Company and community involvement are the guiding thread of this article, comparing the field research and references worked in this show with “Lethe”, the first work of the group.

The play “Saga Beradera” proposes to expose, through a fictional plot, the antagonistic processes of marginalization and resistance that permeate the traditional communities river border, highlighting the true story of Nazareth and his most important characters, such as teachers Manoel Maciel Nunes and Artemis Águila Ribeiro.

Keywords: Saga Beradera. Theatre. Community.

Página ao lado
Apresentação de Lete
na Estrada de Ferro
Madeira-Mamoré
durante enchente de 2014
Foto: Marcela Bonfim



1. Introdução

Em 2014, uma enchente histórica alagou e soterrou a cidade de Porto Velho/ RO e diversas comunidades ribeirinhas. Nazaré foi uma das localidades atingidas. Contudo, o movimento cultural, artístico e identitário da comunidade permitiu que a mesma se reerguesse após o evento, evitando evasões.

A enchente e o processo de identidade e memória desenvolvidos nesta comunidade – em oposição à “rua”, fonte de hostilidade e incertezas – são o tema da segunda peça da Beradera Companhia de Teatro, que buscou aproximar-se ao máximo dos moradores e seu modo de vida para trazer legitimidade e verossimilhança ao trabalho.

Serão abordados, no seguinte estudo: a) O histórico de Nazaré; b) Os antecedentes de pesquisa de linguagem e abordagem temática do grupo aplicados na peça “Lete”; c) As particularidades da criação de “Saga Beradera”; d) A utilização da pesquisa de campo e do envolvimento da comunidade.

2. Nazaré

Distante mais de cento e vinte quilômetros do centro administrativo de Porto Velho, o Distrito de Nazaré só possui acesso por via fluvial, através do rio Madeira. A comunidade distingue-se de outras povoações ribeirinhas de Porto Velho devido a seu forte estí-

mulo cultural, propagado pelo falecido professor Manoel Maciel Nunes – mais conhecido como Seu Maciel – assim como diversos outros moradores que deram suas ricas contribuições à cultura local. Nazaré já foi tema de teses, dissertações, músicas e documentários e costuma encantar todos que a visitam.

Sobre a ideia de comunidade, Bauman (2001) diz:

A comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros.

Com mais de quinhentos habitantes, o povoado mantém-se preservado da “rua”. Não há sinal de telefonia móvel, a internet só está disponível na escola estadual, não há acesso a veículos, a luz elétrica funciona através de um gerador — que deixa a localidade no escuro em diversas ocasiões — e não há coleta de lixo. A comunidade vive basicamente da pesca e da agricultura, e alguns habitantes também possuem rendimento proveniente da previdência social, pequenos comércios e cargos públicos.

A relação dos moradores com a floresta e o rio, além da memória dos tempos em que Nazaré era um seringal, proporcionam um rico universo simbólico dos hábitos e costumes locais. Um patrimônio cultural beiradeiro ameaçado pela última enchente.

Casa de dois andares com marca da enchente
Foto: Rodrigo Vrech, 2014



Em trinta de março de 2014, o rio Madeira alcançou a marca histórica de 19,74m. O recorde anterior era 17,52m registrado em 1997. A diferença catastrófica entre os dois níveis colocou o município de Porto Velho em estado de calamidade pública. Mais de quatro mil e quinhentas famílias perderam suas casas, seus bens, e muitas continuam ocupando o Abrigo Único – montado pela Prefeitura Municipal de Porto Velho e a Defesa Civil – sem data para conseguir novas moradias. Comunidades inteiras foram destruídas pela força das águas e histórias centenárias se perderam em meses. Moradores tradicionais sumiram ou vieram a falecer, levando consigo a história oral de suas localidades, a exemplo de Dona Esmeralda, de São Sebastião, que foi removida de seu lar devido à enchente e faleceu às vésperas de seus 93 anos, levando consigo memórias irrecuperáveis de seu povo.

Sobre a enchente, Fearnside (2014), importante pesquisador das usinas hidrelétricas da Amazônia, relata:

Alguns dos impactos da inundação do rio Madeira foram agravados pelas usinas hidrelétricas instaladas ao longo de seu curso, embora, é evidente, essas barragens não possam ser responsabilizadas sozinhas por todos os estragos. (...) A inundação e vários trechos da rodovia BR-364 que beiraram os lagos formados pelas usinas de Santo Antônio e Jirau também deve ter sido agravada por causa das barragens. A cheia recorde teria causado enchente também recorde mesmo na

ausência das barragens. Mas, com elas, a cheia é ainda maior na margem dos reservatórios, uma vez que o aumento tem início a partir de um nível mais alto. Se os níveis dos reservatórios tivessem sido rebaixados ao máximo para aproximar o rio de seu leito natural, a inundação lateral teria sido menor. (...) O problema é que os sedimentos mais grossos, como areia, tendem a migrar para o fundo do reservatório logo no seu início, onde a água entra no lago rio acima. Os sedimentos acumulados funcionam como uma espécie de segunda barragem, represando a água no trecho do rio que está acima do que é oficialmente considerado 'reservatório'. Isso forma o chamado 'remanso superior', onde o nível da água é mais alto do que o rio natural.

A enchente histórica havia sido prevista na peça anterior da Beradeira Companhia de Teatro: "Lete". Naquela trabalho, que estreou em 17/05/2013, o grupo fazia um paralelo entre a construção das hidrelétricas no rio Madeira e os demais fluxos migratórios que formaram a cidade de Porto Velho. O nome "Lete" provém do rio do esquecimento na mitologia grega, que leva consigo a memória daqueles que são banhados por ele. Na peça "Lete", o esquecimento é uma metáfora para o rio Madeira, atingido pela instalação de duas hidrelétricas em seu leito.

A narrativa oral é utilizada pela comunidade de Nazaré como forma de ressignificar a identidade ribeirinha e empoderar representações locais, como o

Instituto Minhas Raízes. Esta identidade, e a oralidade que a perpetua, encontram-se em acelerado processo de esfacelamento. Se “Lete” vinha discutir a responsabilidade dos empreendimentos hidrelétricos e dos demais ciclos econômicos de Porto Velho na formação de um sistema exploratório de ocupação, “Saga Beradera” age sobre outro ponto: a valorização da identidade ribeirinha. Ou, como preferem dizer tantos artistas locais: identidade beira-deira. Uma manifestação simbólica que se perde um pouco mais a cada dia.

3. Antecedente: Lete

A Beradera Companhia de Teatro surgiu em 2013 por ocasião da peça “Lete”, contemplada pelo Prêmio Funnarte Myriam Muniz de Teatro 2012. A peça propõe-se a retratar o contexto sociopolítico de Porto Velho a partir da instalação das usinas hidrelétricas no rio Madeira, relacionando este evento com os diversos ciclos econômicos que moldaram a cidade em cem anos de história.

A ação divide-se em dez cenas que progridem de modo não linear através do tempo. A trama se inicia nos dias atuais e retrocede até 1914, ano de criação do município de Porto Velho. A peça aborda conflitos durante a instalação de uma estrada de ferro, os ciclos da borracha, o final de um próspero período de garimpo de cassiterita



no interior do estado e a instalação de uma usina hidrelétrica na cidade fictícia inspirada na capital rondoniense. A migração dos trabalhadores, o aumento da prostituição nas povoações circundantes, a criminalidade, a mobilização social, os sedutores discursos oficiais e o ponto de vista dos atingidos nos permitem visualizar a história análoga a Porto Velho sob a ótica dos esquecidos: aqueles que não foram e não são ouvidos pelo progresso.

Diversos dispositivos utilizados na peça tiveram inspiração no dramaturgo e encenador alemão Bertolt Brecht: a função social do teatro, a narrativa épica, os efeitos de distanciamento, a objetividade da encenação, a inserção de

Apresentação de Lete em Roraima no Projeto Amazônia das Artes. Acervo Sesc RR, 2015.

elementos documentais e o riso como ferramenta crítica. Bertolt Brecht destacou-se na história do teatro pela utilização de elementos épicos para trazer mais racionalidade ao espectador diante da representação dramática. O objetivo deixa de ser conduzir o espectador à suspensão da descrença e à catarse. O teatro brechtiano expõe os mecanismos sociais e os papéis desempenhados pelos indivíduos nos jogos de poder da sociedade. A peça “Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny”, deste autor, é uma das mais contundentes inspirações à peça “Lete”.

Mais sobre o Teatro Épico de Bertolt Brecht, pode ser compreendido através de Rosenfeld (2008):

Duas são as razões principais da sua oposição ao teatro aristotélico: primeiro, o desejo de não apresentar apenas relações inter-humanas individuais — objetivo essencial do drama rigoroso e da “peça bem-feita” — mas também as determinantes sociais dessas relações. (...) A segunda razão liga-se ao intuito didático do teatro brechtiano, à intenção de apresentar um “palco científico” capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la; capaz ao mesmo tempo de ativar o público, de nele suscitar a ação transformadora. O fim didático exige que seja eliminada a ilusão, o impacto mágico do teatro burguês.

A fragmentação narrativa de “Lete”, a dissociação dos personagens enquanto identidades para caracterizá-los como funções sociais, a utilização do teatro

como ferramenta de denúncia, a inclusão de informações documentais e o desenquadramento entre ator e personagem aproximam muito a peça da Beradera do trabalho desenvolvido pelo autor alemão. “Lete” não se propõe a iludir o espectador de que ele está assistindo um fragmento da vida. A peça não se dirige à emoção, como uma telenovela, mas à reflexão crítica dos espectadores. A passividade do público é substituída pela sua inquietação diante da realidade apresentada em cena.

Nesta primeira peça da Beradera há uma encenação crua. A iluminação é geral, não há qualquer cenário, o figurino não se propõe a identificar personagens, e cada ator interpreta diversos caracteres ao longo da trama. Cada cena é anunciada ao público localizando-o quanto ao local e data. As poucas inserções musicais são cantadas pelos próprios atores e, no final da peça, ocorre uma interrupção abrupta na atuação dramática, quando um dos intérpretes fala diretamente ao público e relaciona a história fictícia com fatos reais que estão acontecendo atualmente com os atingidos.

Além de Brecht, outra inspiração para “Lete” foi o encenador britânico Peter Brook e seus pressupostos a respeito do teatro e seu espaço. Brook (1999) estabelece que a condição essencial para a existência do teatro é a presença do ator e do público.

Revista Aluá

Se o hábito nos leva a crer que o teatro tem por base um palco, cenário, luz, música, poltronas... partimos do princípio errado. Para fazer filmes não podemos prescindir de uma câmera, do celuloide e dos meios para revelá-lo, mas para fazer teatro somente uma coisa é necessária: o elemento humano. Isto não significa que o resto não tenha importância, mas não é o principal.

Estabelecer com o público uma relação que funcione é a condição primeira da representação. Poltronas, iluminação, músicas, cenário, figurino, tudo isto é supérfluo. Em “Lete” a trama percorre cem anos, em mais de dez espaços diversos sem que seja inserido qualquer cenário – além de quatro bancos dobráveis de madeira e alguns objetos do cotidiano, como roupas, lanternas, mochila, vassoura e alguns copos. Um teatro pobre em recursos que potencializa a força do ator e do texto a partir da escassez de elementos cênicos. Este despojamento permitiu que o trabalho fosse realizado em diversos locais que não teriam sido possíveis caso a peça dependesse de grandes estruturas.

A pesquisa de campo também foi importante recurso para “Lete”. Por se tratar de narrativa inspirada por fatos reais, exigiu-se do dramaturgo, originário do Rio de Janeiro, que viesse residir em Porto Velho e vivenciasse a história viva. Foram realizadas pesquisas de campo no Distrito de Jaci-Paraná – comunidade localizada entre as duas usinas hidrelétricas e onde existem

os mais agressivos impactos sociais e ambientais – com seus diversos prostíbulos e crimes, no Distrito de Nazaré – localidade preservada em sua cultura tradicional que viria, mais tarde, a inspirar a peça “Saga Beradera” – na Usina Hidrelétrica de Jirau e no Distrito de Cujubim – onde os atores puderam interpretar cenas da peça em locais reais para absorver a atmosfera que transmitiriam ao público.

O próprio conceito de pesquisa de campo, apropriado no teatro a partir da antropologia, encontra-se em reinvenção e expandindo-se a partir do uso que as artes têm feito destas pesquisas. Marcus (2004) aponta para uma pesquisa de campo de maior cumplicidade entre observador e observado, extensiva a campos multilocalizados, substituindo a tradicional perspectiva malinowskiana por uma abordagem mais próxima ao que tem executado o teatro e o cinema.

Trabalhar com o que se parece com pesquisa de campo nos ofícios de teatro e de cinema, aplicando-lhes uma perspectiva metaetnográfica, poderia oferecer para a antropologia tanto um canal novo para continuar as discussões e colaborações com a arte, para além das balizas desse intercâmbio nos anos 1990, como fornecer um modelo apropriado de prática alternativa para enfrentar os desafios atuais das modalidades tradicionais de pesquisa de campo. A questão não é tornar a pesquisa de campo antropológica uma forma de teatro – mais do que já é – mas usar experiências e

técnicas deste para reinventar os limites e as funções da pesquisa de campo em antropologia.

Além deste trabalho de memória, a interpretação dos atores é potencializada pelo uso das ferramentas Viewpoints – criada por Mary Overlie e desenvolvida por Anne Bogart e Tina Landau – e Ra-saboxes – criada por Richard Schechner e desenvolvida por Paula Murray Cole e Michelle Minnuck. A primeira estabelece pontos de vista a serem observados por atores, dançarinos e performers quando estão atuando. Estes pontos de vista emolduram o pensamento estético do artista-criador fazendo com que ele possa desempenhar seu trabalho conscientemente, mesmo em improvisações. São pontos de vista: resposta cinestésica (a mais rápida reação do corpo a estímulos externos), arquitetura, relação espacial, tempo, duração dos movimentos, dentre outros. Já Rasaboxes prepara os atores e performers para atuarem como atletas das emoções, compreendendo seus estados emocionais através de uma técnica psicofísica, onde o sentimento pode ser catalisado pelas ações físicas e vice-versa. Além destas ferramentas, dentro deste processo de autonomia dos artistas, também é realizado um trabalho de apropriação, onde os atores são estimulados a agir com espontaneidade e verdade cênica, inclusive sugerindo intenções, falas e movimentos que sejam condizentes aos caracteres e de maior domínio dos intérpretes.

Em 2015, a peça circulou por dez capitais através do projeto “Amazônia das Artes”, do Sesc Nacional. A experiência de apresentar o espetáculo em outros estados que pertencem à Amazônia Legal permitiu aos artistas reverberarem as diversas vozes desta obra. Mesmo os espectadores dos estados que não possuem impactos diretos provenientes de usinas hidrelétricas reconheceram similaridade entre as explorações sofridas por outros empreendimentos de grande porte. Enquanto o grupo circulava por este projeto, e germinava estas discussões, nascia a peça “Saga Beradera”. E, no final do ano, a barragem de Mariana se rompe causando um grave desastre ambiental e tornando ainda mais atual as discussões propostas por Lete.

4. Saga Beradera: o pós-enchente

“Saga Beradera” foi contemplada pelo Prêmio Funarte de Teatro Myriam Muniz 2014. Ofertado pelo Ministério da Cultura, é uma das poucas possibilidades de viabilização econômica de iniciativas teatrais em Porto Velho. Nem o município nem o Estado de Rondônia contam com editais para a realização de projetos culturais de qualquer espécie. Fazer teatro em Rondônia, por si só, é um ato político de resistência.

Se “Lete” conclui sua história quando o rio encobre a comunidade, “Saga...”

inicia-se a partir deste ponto. A trama fictícia inspira-se em eventos reais. Seu Arigó, o fictício ancião contador de histórias da peça, adoeceu ao ser removido da comunidade durante a enchente, assim como Dona Esmeralda, de São Sebastião. Seu Arigó é um dos grandes professores da comunidade, inspirado diretamente por Seu Manoel Maciel Nunes, Seu Artêmis Águila Ribeiro, Seu Zé Ferreira, Seu Venâncio e tantos outros anciãos reais que contribuíram ou continuam contribuindo para a identidade local. Diante do adoecimento de Seu Arigó, Neto decide vir com a esposa de São Paulo para levá-lo até a metrópole, onde, segundo seu ponto de vista, Seu Arigó terá melhores condições de vida.

A estrutura dramática de “Saga...” foi muito influenciada pela tragédia “Filoctetes”, de Sófocles, onde o herói que dá título à obra, abandonado em uma ilha deserta com uma ferida incurável, recusa-se a lutar ao lado de Ulisses e do filho de Aquiles na Guerra de Troia. Ulisses utiliza-se de diversas artimanhas para convencer o herói, maquinando uma trama maquiavélica de mentiras para seduzir o enfermo. Ao final da peça, diante do impasse instaurado pela resistência de Filoctetes, o deus Hércules desce entre os mortais e define o destino de cada personagem. Seu Arigó, tal como Filoctetes, resiste em abandonar a ilha que aprendeu a amar. Urbana age como Ulisses, com

perfidia e objetividade, enquanto Neto tem dificuldade de tomar as decisões que precisa. Sua hesitação é sua falha trágica.

Outra referência importante para esta segunda peça é o livro “Reprodução”, de Bernardo de Carvalho. O estudante de chinês — narrador e personagem principal da obra — expressa-se de forma preconceituosa e limitada acerca dos fatos que o cercam, quando é interrogado por agentes de polícia em um aeroporto. O livro inteiro discorre como uma profusão de opiniões, assim como a personagem Urbana. Esta personagem da peça vivencia na comunidade desconforto paralelo ao que os ribeirinhos vivem na cidade. Urbana está deslocada de seu *habitat*. A mata, o rio e os costumes locais lhe são hostis, pois ela não os compreende. Diferente do comportamento dos ribeirinhos em relação à cidade, onde eles se sentem inferiorizados, Urbana julga seu modo de vida como superior e analisa tudo à sua volta com a opinião obtusa de quem é incapaz de se adaptar a outra cultura. Urbana é alógica por trás de todo o pensamento mobilizador do “progresso” praticado nos empreendimentos da Amazônia, que impõe um ponto de vista hegemônico às comunidades tradicionais. Para Urbana, os ribeirinhos não passam de gente ignorante que atrasa o país. Não à toa, a personagem tornou-se uma completa vilã na apresentação de Nazaré. O público torcia por sua derrota.

Página seguinte:

Seu Arigó conta história para Neto e Urbana em Saga Beradera
Foto: Luana Lopes, 2015.



A impossibilidade
do real torna-se
um divertido
desafio na ficção.

Neto, o terceiro personagem da obra, é o ponto de equilíbrio entre Urbana e Seu Arigó. Instalado na pós-modernidade, ele transmite a crise de identidade. Nascido na comunidade ribeirinha, mas criado na metrópole, transita entre a empolgação tecnológica, o desamparo da globalização e a nostalgia da infância à beira de rio. Em crise desde o início da peça, ele tenta estabelecer uma comunicação, diversas vezes impossível, entre Urbana e Seu Arigó, entre a voracidade industrial e a vida artesanal. Neto é a ponte, o trânsito e o único capaz de dar continuidade à memória de Seu Arigó quando este se vai.

A trama desta peça é mais concentrada do que "Lete" em relação a tempo e espaço. A história se passa toda em Nazaré ao longo de um único dia, com exceção do salto temporal proporcionado pela cena final. A fragmentação está presente durante a cena inicial, quando os três personagens se expressam ao mesmo tempo. Seu Arigó conta a um grupo de curumins o mito do surgimento das estrelas, Neto ensaia como convencerá seu avô a partir e Urbana expressa todo o seu incômodo com a viagem até Nazaré. Três discursos e momentos narrativos distintos que interagem entre si no mesmo tempo e espaço da representação. No "aqui" e "agora" da presença cênica. A arte nos permite abstrair dos limites físicos e ceder às possibilidades do imaginário. A impossibilidade do real torna-se um divertido desafio na ficção.

Outro elemento importante de ser destacado nesta peça é o uso de recursos documentais e inserções de realidade na narrativa. A peça inicia com um minidocumentário em que são mostrados instantes de Nazaré e discursos de alguns de seus anciãos. Os jovens do grupo musical Minhas Raízes participam da peça. Cantam músicas do grupo, dançam com os atores a dança do Seringandô — trazida à comunidade por Seu Maciel a partir de uma tradição indígena que ocorre no Lago do Uruapiara, no Amazonas — fazem sons da mata com instrumentos artesanais e narram, como personagens da peça, a história da comunidade de Nazaré. História esta descrita a partir de informações obtidas oralmente com os moradores. A realidade a serviço da ficção. A ficção a serviço do real.

Os recursos cênicos de iluminação, cenário e figurino estão mais presentes nesta peça do que na anterior. A luz, aqui, possui importante papel narrativo, conduzindo atmosferas e pontuando relações. São detalhes simbólicos, como a lâmpada incandescente posicionada sobre a cadeira de Seu Arigó que se apaga à sua morte, ou a vela com a qual o ator que o interpreta despede-se da vida que se extingue. Depois que o personagem do ancião morre, a comunidade é tomada pela escuridão, como se o gerador houvesse parado de funcionar, e os personagens



Apresentação de “Saga Beradera” na Escola Mariana.
Foto: Rodrigo Vrech, 2015

iluminam-se com lanternas de celular. A luz só volta a acender no final, quando músicos e atores se reúnem para celebrar a memória que permanece viva.

O cenário é composto de uma tarrafa — rede de pesca utilizada pelos ribeirinhos — confeccionada manualmente por Seu Edir, morador de Nazaré. Em cena, ela é posicionada como se estivesse sendo arremessada sobre a cadeira de Seu Arigó. A trama que captura e enreda o ribeirinho.

Já o figurino compõe-se de vestimentas reais do Grupo Minhas Raízes somadas com peças compradas para os persona-

gens urbanos e a roupa de Seu Arigó. Esta última, mais simbólica, expressa em seu tecido a marca da enchente de 2014. Como se o próprio personagem tivesse sido afundado no rio e na lama.

De modo geral, “Saga Beradera” tenta alterar a abordagem narrativa utilizada em “Lete” para retratar, novamente, a atualidade de Porto Velho. Contudo, a pesquisa de campo necessária para a primeira não pôde ser suprimida em “Saga...”. Ao contrário, o grupo intensificou ainda mais sua participação ativa na pesquisa e a inclusão da comunidade dentro da própria peça.



5. Pesquisa de campo e envolvimento da comunidade

Para realizar “Saga Beradera” com propriedade sobre a história de Nazaré e seus moradores, foi imprescindível o uso da pesquisa de campo e o envolvimento real da comunidade.

A primeira ida à Nazaré, neste projeto, foi realizada em dezembro de 2014, para a criação do texto. Foram feitas gravações de áudio com diversos moradores para que a narrativa estivesse baseada em informações transmitidas pela oralida-

de e reconhecidas por estes contadores. Esta primeira viagem foi realizada apenas pelo dramaturgo. As informações obtidas nesta pesquisa permitiram idealizar o primeiro esboço do texto, que continha cinco personagens.

A segunda visita à Nazaré ocorreu seis meses depois, em junho de 2015. Todo o grupo esteve presente. Parte dos atores visitou pela primeira vez a comunidade — com exceção de Elizeu Braga, que já havia ido em outras ocasiões. Foi possível conhecer alguns dos anciãos que inspiraram a história, o clima e hábitos locais e vivenciar o cotidiano ribeirinho. Foi nesta viagem

Apresentação de “Saga Beradera” para a comunidade de Nazaré.
Foto: Acervo do grupo

também que foi estabelecida a parceria com o Grupo Musical Minhas Raízes, através de Timaia Nunes, que veio a conhecer uma versão mais elaborada do texto, reduzida para apenas três personagens. A leitura do texto para Timaia ocorreu dentro da igreja de São Sebastião, levantada por Seu Maciel, pai de Timaia, para cumprir uma promessa. Outras parcerias importantes nesta viagem ocorreram com Aleíta Passos, para a confecção do figurino, e Seu Edir, para a costura da tarrafa a ser usada no cenário.

No mês seguinte, o dramaturgo e diretor Rodrigo Vrech retorna à comunidade para realizar as entrevistas que compõem o mini-documentário. Foram entrevistados Seu Zé Ferreira, Seu Venâncio, Seu Ceará e Timaia. Seu Artêmis só foi encontrado depois, em Porto Velho, onde visitava alguns parentes.

Nos dias 24 e 25 de junho ocorreu o Festejo Folclórico e Rodrigo Vrech retornou com os atores Cláudio Zarco e Andressa Silva, alguns dias antes da festividade, para que pudessem se envolver ainda mais com a população e participar ativamente dos preparativos da festa. Os três integrantes ajudaram a confeccionar adereços, a produzir o evento, foram acolhidos pela família da Timaia e os dois atores puderam, inclusive, participar dançando quadrilha, seringandô e Boi-Curumim, dentro do festejo. Este envolvimento foi imprescindível à seriedade do trabalho, para

que não ocorresse o equívoco de falar sobre os ribeirinhos sem propriedade e legitimidade. A tarrafa confeccionada por Seu Edir foi banhada no rio Madeira na pesca de surubins para o almoço, graças ao morador Zenildo. O cheiro do peixe e o tingimento natural dos sedimentos do rio marcam a memória do objeto de cena. O melhor símbolo que o grupo poderia obter para o processo de criação de “Saga Beradera”.

Nos dias 01 e 02 de setembro, todos os integrantes retornaram à localidade para apresentar a peça aos moradores. No dia primeiro, a apresentação realizou-se em frente à igreja de Nazaré, após uma novena. Foi nesta ocasião que Seu Artêmis, Seu Edir, Seu Zé Ferreira e Seu Getúlio assistiram ao trabalho, ao lado de crianças e adultos que ocupavam a praça. Logo após a exibição do mini-documentário, Seu Zé Ferreira levantou-se de sua cadeira e começou a cantar suas mudinhas, animado com a exibição pública. Em seguida, a peça iniciou-se. A população se divertia com as referências locais e os personagens de Neto e Seu Arigó. Mas Urbana, encarnando o olhar estrangeiro e preconceituoso, causava um misto de riso e desconforto. As risadas que a personagem costuma receber do público urbano foram substituídas, em vários momentos, por reflexivos e incômodos silêncios. Quando ela desmaiou, em determinada cena, o público chegou

a aplaudir, como se ovacionasse sua derrota. Outro momento em que houve aplauso em cena aberta foi durante a morte de Seu Arigó. Nesta ocasião, eram palmas de reconhecimento. Seu Zé Ferreira puxava pelo braço as crianças que se entediavam e corriam em outra direção: “Vem ver o teatro”, ele dizia. Ao término da peça, os moradores aplaudiram. O orgulho estampado no semblante dos mais velhos. Já as adolescentes, foram direto sobre Andressa Silva, intérprete de Urbana: “A gente queria jogar uma caneta em você”. Os anciãos e Timiaia nos prestaram agradecimentos pela peça.

A apresentação do dia seguinte foi realizada pela manhã na Escola Estadual Francisco Desmorest. Alguns dos jovens que assistiram na noite anterior estavam ali novamente, reunidos ao lado de diversos outros alunos. As risadas já foram um pouco mais soltas e Urbana havia se tornado motivo de graça. Muitos adolescentes se reconheceram no interesse pelos aparelhos celulares e na reflexão sobre identidade proposta pela peça. O grupo saiu de lá satisfeito por ter levado à comunidade o resultado de seu trabalho.

Em “Lete”, a Beradera já havia experimentado atuar além da mera representação. O teatro como ação estética e política. “Lete” foi apresentada na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré quando não havia teatro para estreitar, criticando a ausência de espaços cênicos na cidade. Durante a encenação de 2014, os atores encenaram a peça novamente na Estrada de Ferro,



desta vez para salientar que esta catástrofe já estava anunciada e para realçar a importância daquela memória que estava sendo encoberta pelas águas. O grupo levou seu primeiro trabalho também a Jaci-Paraná, distrito mais afetado pelos impactos sociais da instalação das hidrelétricas; levou a peça à Mutum-Paraná durante a ocupação em que quinhentas famílias desabrigadas passaram a habitar as casas abandonadas pelos funcionários de Jirau; levou a peça à casa de Seu Regino, filho de Dona Esmeralda, e um dos poucos moradores restantes da comunidade de São Sebastião. Apresentar teatro fora do edifício teatral permite o encontro com um público mais próximo das discussões propostas pela peça.

O diretor e dramaturgo Rodrigo Vrech sob a recepção do evento.

Foto: Luana Lopes, 2015

Página seguinte
Andressa Silva e Cláudio Zarco interpretando personagens no Festejo Folclórico de Nazaré
Foto: Rodrigo Vrech, 2015

Foi por este caminho que também seguiu “Saga Beradera”, apresentando as discussões acerca de identidade ribeirinha e vida urbana para comunidades e estudantes de escolas públicas da periferia — muitos nunca haviam assistido teatro. A peça foi apresentada nas escolas Mariana, Juscelino Kubitschek, Daniel Neri e Petrônio Barcelos. Todas pertencentes à rede estadual de ensino. Os meninos do Minhas Raízes — que só não puderam acompanhar o grupo nas apresentações nas escolas, mas estiveram em todas as outras oportunidades — têm sido grandes parceiros neste intercâmbio cultural. A companhia de teatro aprende com esta troca, assim como eles também absorvem técnicas novas. Do mesmo modo que Seu Maciel levou referências de suas origens para dentro de Nazaré, seus netos agora bebem de outras fontes para encorpar o trabalho que já desenvolvem. A peça “Saga Beradera” se conclui com os personagens e os jovens do Minhas Raízes compartilhando a história de Nazaré. É neste momento que “Saga...” transborda os limites da ficção e se torna real. Os artistas do Minhas Raízes, naquele momento, narrando a história de sua terra, são empoderados de sua própria memória.

6. Conclusão

A peça “Saga Beradera” intensifica abordagens já realizadas na peça anterior e reafirma o compromisso do grupo com

a utilização do teatro como elemento de ação sobre a realidade. As situações vivenciadas pelas comunidades ribeirinhas com a enchente de 2014 tornam-se mais do que tema para peça. Tornam-se um momento oportuno para agir em favor de culturas que vêm se perdendo gradativamente na luta diária com o “progresso”.

Utilizar o teatro como meio de ação social impõe ao grupo compromissos com os indivíduos representados e o cuidado com a manutenção e representação de seus aspectos culturais. Possivelmente a peça causará impactos sobre os moradores da comunidade, principalmente sobre os mais jovens, com suas identidades em formação e em intenso conflito com a

cultura urbana que absorvem através dos veículos de massa. Não se pode medir as consequências da intromissão do grupo dentro da comunidade e a iniciativa de apropriar-se da história local para representá-la segundo o olhar estrangeiro. Os riscos assumidos pela Beradera, neste caso, assim como em “Lete”, estendem-se para além das fronteiras do palco. Em todo caso, a companhia tem assumido os cuidados necessários para trazer legitimidade a esta representação de modo a realizar uma obra que seja importante para este grupo social. Um trabalho ativo de valorização e empoderamento da memória. Para a Beradera Companhia de Teatro, o palco não é apenas o terreno estético da representação. O palco é uma extensão da vida.

7. Referências

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003. Tradução: Plínio Detzien. p. 7.

BROOK, P. **A Porta Aberta**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1999. Tradução: Antonio Mercado.

FEARNSIDE, P.M. **As barragens e as inundações no rio Madeira**. 2014. *Ciência Hoje* 53(314): 56-57. Disponível em: <http://philip.inpa.gov.br/publ_livres/2014/Enchente_Rio_Madeira_2014_Ciencia_Hoje.pdf> Acesso em: 23 set. 2015.

MARCUS, G.E. **O intercâmbio entre arte e antropologia**: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. São Paulo: Revista de Antropologia, USP, 2004.

Tradução: André Pinto Pacheco. p 143.

MOURA, V. **Enchente histórica do rio Madeira muda paisagem de Porto Velho**. Portal Amazônia, 03 ago. 2014,. Disponível em: <<http://www.portalamazonia.com.br/editoria/cidades/enchente-historica-do-rio-madeira-muda-paisagem-de-porto-velho/>> Acesso em: 21 set. 2015.

ROSENFELD, A. **O Teatro Épico**. Coleção Debates, 193. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008. p. 147, 148.

VILLAS-BOAS, R. (Coord.) **Programa Ecos do Madeira**: Uma experiência de educação socioambiental com as comunidades do rio Madeira. Porto Velho: Amazônia Brasil, Pólen Socioambiental e Santo Antônio Energia, 2012. p.29.